

a loucura do dia a folia do dia a loucura do dia a folia

maurice blanchot

Eu não sou sábio nem ignorante. Tive alegrias. É muito pouco dizer: eu vivo, e esta vida me dá um prazer enorme. Então, a morte? Quando eu morrer (talvez a todo momento), experimentarei um prazer imenso. Não falo do *avant-goût* da morte, que é insípido e freqüentemente desagradável. Sofrer é embrutecedor. Mas tal é a verdade notável da qual estou certo: experimento no viver um prazer sem limites e terei em morrer uma satisfação sem limites.

Errei, passei de um lugar a outro. Estável, habitci em um só quarto. Fui pobre, depois mais rico, depois mais pobre do que muitos. Criança, tive grandes paixões, e tudo aquilo que desejava, conseguia. Minha infância desapareceu, minha juventude está sobre as estradas. Não importa: sou feliz por aquilo que fiz, o que é me é de agrado, o que vem me convém.

Minha existência é melhor do que a de todos? Pode ser. Tenho um abrigo, muitos não tem. Não tenho lepra, não sou cego, vejo o mundo, felicidade extraordinária. Eu o vejo, este dia fora do qual não há nada. Quem poderia me roubar isto? E este dia desaparecendo, desaparecerei com ele, pensamento, certeza que me arrebatava.

Amei os seres, e os perdi. Tornei-me louco quando esse golpe afligiu-me, pois é um inferno. Mas minha loucura ficou sem testemunha, minha alucinação não apareceu, somente minha intimidade tornou-se louca. Às vezes, tornava-me furioso. Diziam-me: Por que você está tão calmo? Ora, eu estava me queimando dos pés à cabeça; à noite, corria as ruas, urrava; durante o dia, trabalhava tranqüilamente.

Pouco depois, a loucura do mundo se desencadeou. Fui colocado contra o muro como muitos outros. Por quê? Por nada. Os fuzis não partiram. Eu me disse: Deus, o que fizeste? Deixei então de ser insensato. O mundo hesitou, depois retomou seu equilíbrio.

Com a razão, a lembrança renova-me e vejo que mesmo nos piores dias, quando acreditava-me perfeita e inteiramente infeliz, eu estava, não obstante, e quase todo o tempo, extremamente feliz. Isso permitiu-me refletir. Essa descoberta não foi agradável. Parecia-me que eu perdia muito. Eu me interrogava: não estava triste, não havia sentido minha vida se partir? Sim, isto tinha acontecido; mas, a cada minuto, quando me levantava e corria pelas ruas, quando ficava imóvel em um canto do quarto, o frescor da noite, a estabilidade do solo fazia-me respirar e repousar em êxtase.

Os homens gostariam de escapar da morte, bizarra espécie. E alguns gritam, morrer, morrer, porque querem escapar da vida. "Qual vida, eu me mato, eu me rendo." Isto é lastimável e estranho, é um erro.

Porém, encontrei pessoas que jamais disseram à vida, cala-te, e jamais à morte, parte. Quase sempre mulheres, belas criaturas. Os homens, o medo os persegue, a noite os atravessa, eles vêem seus projetos anularem-se, seu trabalho reduzir-se a pó, eles são atônitos, tão importantes que pretendiam construir o mundo, e tudo desaba.

Descrever minhas experiências? Eu não podia nem andar, nem respirar, nem me alimentar. Minha respiração era de pedra, meu corpo de água, e no entanto eu morria de sede. Um dia,

enterraram-me no solo os médicos cobriram-me de lama. Que trabalho no fundo dessa terra. Quem a diz fria? É como fogo, é um espinheiro ardente. Tornei-me completamente insensível. Meu tato divagava a dois metros: se se entrasse em meu quarto, eu gritava, mas a navalha retalhava-me tranqüilamente. Sim, tornei-me um esqueleto. Minha magreza, à noite, erguia-se diante de mim para me amedrontar. Ela me insultava, obrigava-me a ir e vir; ah, eu estava bastante cansado.

Sou egoísta? Tenho sentimentos somente por alguns, não tenho piedade de ninguém, tendo raramente vontade de agradar, raramente vontade de que me agradem, e eu, para mim mesmo mais ou menos insensível, sofro somente neles, de tal forma que seu menor tormento torna-se a mim um mal infinito; todavia, se necessário, eu os sacrifico deliberadamente, roubo deles todo sentimento feliz (acontece-me de os matar).

Da cova de lama, saí com o vigor da maturidade. Antes, o que eu era? Uma bolsa d'água, uma força morta, uma profundidade dormente. (Entretanto, eu sabia que era, durava, não sucumbia ao nada.) Vieram me ver de longe. As crianças brincavam ao meu lado. As mulheres se deitavam por terra para me dar a mão. Também tive minha juventude. Mas o vazio me decepcionou muito.

Não sou medroso, recebi golpes. Alguém (um homem irritado) tomou-me a mão e cravou nela a sua navalha. Só sangue. Depois, ele estremeceu. Ofereceu-me sua mão para que eu a pregasse sobre a mesa ou contra uma porta. Porque me havia feito esta ferida, o homem, um louco, acreditava ter se tornado meu amigo; empurrava sua mulher para meus braços, seguia-me nas ruas gritando: "estou possuído, sou o brinquedo de um delírio imoral, confissão, confissão". Um louco estranho. Durante esse tempo, o sangue pingava sobre minha única roupa.

Eu vivia sobretudo nas cidades. Fui por algum tempo um homem público. A lei atraía-me, o povo causava-me prazer. Eu era obscuro no outro. Inútil, era soberano. Mas um dia cansei-me de ser a pedra que lapida os homens sós. Para tentar a lei, chamei-a docemente: "Aproxime-se, que te verei face a face". (Eu queria, por um instante, tomá-la para mim.) Imprudente apelo, que teria feito se ela tivesse respondido?

Devo avisá-lo, li muitos livros. Quando desaparecer, insensivelmente todos esses volumes mudarão; maiores as margens, mais frouxo o pensamento. Sim, falei demais com pessoas, isso me aflige hoje; cada pessoa foi um povo para mim. Este imenso outro rendeu-me bem mais do que eu poderia ter querido. Agora, minha existência é de uma solidez surpreendente, mesmo as doenças mortais julgam-me duro. Desculpo-me, mas é necessário que eu enterre alguns antes de mim.

Eu começava a cair na miséria. Ela traçava lentamente ao redor de mim círculos cujo primeiro parecia abandonar-me todo, cujo último parecia deixar-me tudo. Um dia, me vi preso na cidade: viajar não era mais do que uma fábula. O telefone parou de responder. Minhas roupas se gastavam. Eu sofria com o frio; a primavera, rápido. Ia às bibliotecas. Estava ligado a um empregado que me fazia descer aos subsolos superaquecidos. Para lhe ajudar, eu corria alegremente sobre passarelas minúsculas e lhe trazia volumes que ele enviava em seguida ao sombrio espírito da leitura. Mas esse espírito lançou contra mim palavras pouco amáveis; sob seus olhos, eu me rebaixava; ele me viu tal como fui: um inseto, uma besta de mandíbulas

vinda de regiões obscuras da miséria. Quem era eu? Responder a essa questão teria me lançado em grandes preocupações.

Do lado de fora, tive uma rápida visão: havia, a dois passos, justamente no ângulo da rua que eu devia deixar, uma mulher parada com um carrinho de bebê; eu a distinguia muito mal, ela manobrava o carrinho para fazê-lo entrar pelo portão. Nesse instante entrou por essa porta um homem que eu não havia visto se aproximar. Já tinha passado pelo umbral quando fez um movimento para trás e tornou a sair. Enquanto ele se detinha ao lado da porta, o carrinho de bebê, passando diante dele, ergueu-se ligeiramente para atravessar o umbral e a jovem mulher, após ter levantado a cabeça para olhá-lo, desapareceu.

Esta breve cena me levou ao delírio. Eu não podia sem dúvida explicar-me completamente e, no entanto, eu estava certo, tinha apoderado-me do instante a partir do qual o dia, havendo acertado sobre um acontecimento verdadeiro, iria se precipitar sobre seu fim. Eis aqui que ele chega, eu me dizia, o fim vem, alguma coisa chega, o fim começa. Eu estava tomado pela alegria.

Eu ia a esta casa, mas sem entrar. Pelo orifício, via o começo escuro de um pátio. Apoiava-me sobre a parede de fora, certamente tinha muito frio; o frio envolvendo-me dos pés à cabeça, sentia lentamente minha enorme estatura ganhar as dimensões desse frio imenso, ela se elevava tranquilamente segundo os direitos de sua natureza verdadeira e eu permanecia na alegria e na perfeição desta felicidade, num instante a cabeça tão alta quanto a pedra do céu e os pés sobre o macadame.

Tudo isto era real, notem.

Eu não tinha inimigos. Não era incomodado por ninguém. Às vezes em minha cabeça criava-se uma vasta solidão onde o mundo desaparecia inteiramente, mas saía de lá intacto, sem um arranhão, nada lhe faltava. Quase perdi a visão, alguém havia prensado vidro sobre meus olhos. Este golpe me abalou, reconheço. Tive a impressão de reentrar no muro, de divagar em um monte de sílex. O pior era o inesperado, a brusca crueldade do dia; eu não podia nem olhar nem não olhar; ver era o terror, e deixar de ver dilacerava-me do rosto à garganta. Além disso, escutava gritos de hiena que me colocavam sob a ameaça de um bicho selvagem (esses gritos, acredito, eram os meus).

Retirado o vidro, insinuou-se sob as pálpebras uma película e sobre as pálpebras muralhas de algodão. Eu não devia falar, pois a fala estendia-se sobre os interstícios do curativo, "Você dormia", disse-me o médico mais tarde. Eu dormia! Tinha que enfrentar a luz de sete dias: um belo enlace! Sim, sete dias juntos, as sete claridades capitais tornadas a vivacidade de um único instante pediam-me razões. Quem teria imaginado isto? Às vezes, eu me dizia: "É a morte; apesar de tudo, isto vale a pena, é impressionante". Mas freqüentemente eu morria sem nada dizer. Com o tempo, fui convencido que via face a face a loucura do dia; tal era a verdade: a luz tornava-se louca, a claridade havia perdido todo seu bom senso; ela me acometia despropositadamente, sem regra, sem limite. Esta descoberta foi uma mordida em minha vida.

Eu dormia! Ao despertar, precisei ouvir um homem perguntar-me: "Você vai dar queixa?". Bizarra questão destinada a alguém que acaba de ter contato direto com o dia.

Mesmo são, eu duvidava de o estar. Não podia nem ler nem escrever. Estava cercado de um Norte brumoso. Mas eis aqui o estranho: ainda que me lembrando do contato atroz, eu me

enfraquecia vivendo atrás de cortinas e de vidros embaçados. Eu queria ver alguma coisa em pleno dia; estava farto da amenidade e do conforto da penumbra; tinha pelo dia um desejo de água e ar. E se ver era o fogo, eu exigia a plenitude do fogo, e se ver era o contágio da loucura, eu desejava loucamente essa loucura.

No estabelecimento, presenciei uma pequena situação. Eu falava ao telefone. O doutor, estando no laboratório de análise, interessava-se pelo sangue, as pessoas entravam, bebiam uma droga; estendidos em pequenos leitos, adormeciam. Um deles fez uma astúcia notável: após ter bebido o produto oficial, tomou um veneno e entrou em coma. O médico chamava isto de uma vilania. Ele o ressuscitou e "deu queixa" contra este sono fraudulento. De novo! Este doente, parece-me, merecia mais.

As poucos a visão diminuía, caminhava na rua como um caranguejo, agarrando-me firmemente aos muros e, assim que eu os largava, voltava a vertigem ao redor de meus passos. Nesses muros, eu via em seguida o mesmo cartaz, um cartaz modesto, mas com letras muito grandes: Você também o quer. Certamente, eu o queria, e cada vez que eu encontrava essas palavras estimadas, eu o queria.

Todavia qualquer coisa em mim deixava rapidíssimo de querer. Ler trazia-me um grande cansaço. Ler me cansava tanto quanto falar, e a menor palavra verdadeira exigia de mim não sei que força que me faltava. Diziam-me: Você é complacente com suas dificuldades. Essa intenção surpreendia-me. Com vinte anos, na mesma condição, ninguém me havia notado. Com quarenta, um pouco pobre, tornei-me miserável. E de onde vinha essa irritante aparência? Na minha opinião, ganhei isso na rua. As ruas não me enriqueciam como elas deveriam razoavelmente fazê-lo. Ao contrário, logo ao seguir pelos passeios, ao entrar na claridade dos metrô, ao passar pelas admiráveis avenidas onde a cidade iluminava-se soberbamente, eu me tornava extremamente terno, modesto e cansado e, acolhendo uma parte excessiva do estrago anônimo, atraía em seguida olhares dessa cidade que não foi feita para mim e que, no entanto, fazia de mim alguma coisa um pouco vaga e informe; ela também parecia afetada, ostensiva. A miséria provoca um pouco de tédio em quem a vê, e aqueles que a vêem pensam: Eis que me acusam; quem me ataca? Ora, eu não desejava nunca trazer a justiça sobre minhas roupas.

Dizia-me (às vezes o médico, às vezes as enfermeiras): Você é instruído, tem capacidades; deixando em desuso aptidões que, repartidas entre dez pessoas que não as têm, as permitiria viver, você as priva daquilo que elas não têm, e o seu despojamento, que poderia ser evitado, é uma ofensa a seus desejos. Eu perguntava: Por que estes sermões? É meu espaço que roubo? [Devolvam-me]. Eu me via rodeado de pensamentos injustos e de raciocínios mal cuidados. E quem os dirigia contra mim? Um saber invisível de quem não havia testemunho e que mesmo eu procurava em vão. Eu era instruído! Mas talvez não o fosse o tempo todo. Capaz? Onde estavam essas capacidades que se faziam falar como juizes assentados e prontos para condenar-me dia e noite?

Eu amava demais os médicos, não me sentia diminuído por suas dúvidas. O interessante é que sua autoridade aumentava de hora em hora. Não notam isto, mas são reis. Abrindo meu quarto, diziam: Tudo isto que está aqui pertence a nós. Eles se jogavam sobre as sobras de meu pensamento: Isto é nosso. Interpelavam minha história: Fala, e ela se punha a seu serviço. Apressado, eu me despojava de mim. Oferecia-lhes meu sangue, minha intimidade, emprestava-lhes o universo, dava-lhes o dia. Sob seus olhos nada surpresas, tornava-me uma

gota d'água, uma mancha de tinta. Reduzia-me a eles mesmos, atravessava por inteiro sob suas vistas, e quando enfim, não havendo nada mais presente que minha perfeita nulidade, e não havendo mais nada a ver, paravam também de me ver; muito irritados, levantavam gritando: E, então, onde está você? Onde você se esconde? Esconder-se é proibido, é uma falta, etc.

Nas suas costas, eu via a silhueta da lei. Não a lei que se conhece, que é rigorosa e pouco agradável: essa aqui era outra. Longe de sucumbir sob sua ameaça, era eu que parecia desencorajá-la. A crer nela, meu olhar era o raio e minhas mãos causa de morte. Além do mais, ela me dava ridiculamente todos os poderes, declarava-se perpetuamente a meus pés. Mas não me deixava pedir nada e quando ela tinha admitido o direito de estar em todos os lugares, isto significava que eu não tinha função alguma. Quando me colocava acima das autoridades, isto queria dizer: você não está autorizado a nada. Se ela se humilhar: você não me respeita.

Sabia que uma de suas metas era fazer-me "fazer justiça". Ela dizia-me: "Agora, você é um ser à parte; ninguém nada pode contra você. Você pode falar, nada o impede; os sermões não lhe amarram mais; seus atos ficam sem consequência. Você me pisoteia, e eis-me para sempre sua serva." Uma serva? Eu não queria uma por preço nenhum.

Ela dizia-me: "Você ama a justiça. – Sim, parece-me. Por que você deixa difamar a justiça em sua pessoa tão notável? – Mas minha pessoa não é tão importante para mim. – Se a justiça se enfraquece em você, ela se torna fraca nos outros que a toleram. – Mas este caso não a concerne. – Tudo a concerne. Mas você me disse, sou especial. – Especial, se você agir; jamais, se você deixar os outros agirem."

Ela vinha com palavras fúteis: "A verdade é que nós não podemos mais nos separar. Eu o seguirei por toda parte, viverei sob seu teto, teremos o mesmo sono".

Eu havia concordado em me deixar trancar. Momentaneamente, disseram-me. Bem, momentaneamente. Durante as horas do lado de fora, um outro residente, um velho de barba branca, saltava-me sobre os ombros e gesticulava por cima de minha cabeça. Eu lhe dizia: "Você então é Tolstoi?" O médico julgava-me por isso bem louco. Eu levava finalmente todo o mundo sobre minhas costas, um nó de seres rigorosamente enlaçados, uma sociedade de homens experientes, atraídos para esse alto por um vão desejo de dominar, por uma criança infeliz, e quando eu desabava (porque eu não era realmente um cavalo), a maior parte de meus colegas, também eles decaídos, me batia. Eram momentos alegres.

A lei criticava vivamente minha conduta: "Outrora, eu o conheci bem diferente. – Bem diferente? – Não se zombava de você impunemente. Ver você custava a vida, amar você significava a morte. Os homens atravessavam obstáculos e se entocavam para escapar de seu olhar. Eles se diziam: Ele passou? Abençoada a terra que nos esconde. – Temiam-me a tal ponto? – O medo não [lhe] satisfazia, nem os louvores do fundo do coração, nem uma vida direita, nem a humildade no pó. E principalmente que não me interroguem. Quem ousa pensar até mim?"

Ela levantava estranhamente a cabeça. Excitava-me, mas para em seguida se exaltar até mim: "Você é a pobreza, a discórdia, o assassinato, a destruição. – Por que tudo isso? – Porque eu sou o anjo da discórdia, do assassinato e do fim. – Eh, bem, eu lhe dizia, eis aí mais do que é preciso para nos prender a todos os dois". A verdade é que ela me dava prazer. Ela era nesse início superpovoado de homens o único elemento feminino. Ela uma vez me havia feito tocar

seu joelho: uma bizarra impressão. Eu lhe declarei: Não sou homem que se contenta com um joelho. Sua resposta: Isso seria nojento!

Eis aqui um de seus jogos. Ela me mostrava uma parte do espaço, entre o alto da janela e o teto: “Você está aqui”, dizia. Eu olhava esse ponto com intensidade. “Onde você está?” Eu o olhava com toda minha força. “E então?” Eu sentia pular as cicatrizes de meu olhar, minha vista tornava-se uma ferida, minha cabeça um buraco, um touro estripado. Subitamente, ela gritava para si: “Ah, eu vejo o dia, ah, Deus”, etc. Eu reclamava que esse jogo cansava-me enormemente, mas ela era insaciável para a minha glória.

Quem [te] jogou vidro no rosto? Essa questão voltava em todas as questões. Não [me a] colocavam mais diretamente, mais ela era a encruzilhada para onde se conduziam todos os caminhos. Haviam-me feito observar que minha contestação não descobriria nada, pois há muito tempo tudo estava descoberto. “Razão a mais para não falar. –Vejam, você é inteligente, sabe que o silêncio atrai a atenção. Seu mutismo o trai da maneira mais desvairada.” Eu lhe respondia: “Mas meu silêncio é verdadeiro. Se eu o escondesse, você o reavistaria um pouco mais longe. Se ele me trai, melhor para você, ele lhe serve, e melhor para mim que você declara servir.” Seria preciso então remexer céu e terra para chegar a um termo.

Eu me interessei pela procura. Nós éramos todos como caçadores disfarçados. Quem era interrogado? Quem contestava? Um tornava-se o outro. As palavras falavam sós. O silêncio entrava neles, abrigo excelente, pois ninguém além de mim se apercebia disso.

Haviam me pedido: Conte-nos como as coisas se passaram “precisamente”. – Uma narrativa? Comecei: Eu não sou sábio nem ignorante. Tive alegrias. É muito pouco dizer. Recontei-lhes toda a história, que eles escutavam, parece-me, com interesse, pelo menos o início. Mas o fim foi para nós uma surpresa comum. “Depois desse começo, diziam, você voltará aos fatos.” Mas como! A narrativa estava terminada.

Eu tinha de reconhecer que não era capaz de formar uma narrativa com esses acontecimentos. Tinha perdido o sentido da história, isso acontece com muitas doenças. Mas essa explicação só os deixou mais exigentes. Eu notei então pela primeira vez que eles eram dois, que esta deturpação do método tradicional, ainda que se explicando pelo fato que um era um técnico da visão, o outro um especialista em doenças mentais, dava constantemente a nossa conversa o caráter de um interrogatório autoritário, vigiado e controlado por uma regra estrita. Nem um nem outro, é claro, era o comissário de polícia. Mas, sendo dois, por causa disso eram três, e este terceiro permanecia firmemente convencido, eu estava certo, que um escritor, um homem que fala e que pensa com distinção, é sempre capaz de narrar fatos dos quais ele se lembra.

Uma narrativa? Não, nada de narrativa, nunca mais.

(Trad. Maria Juliana Gambogi Teixeira

e Sérgio Antônio Silva)